



<https://www.google.com.br/search?q=cuba+artes&espv>

2

EL MALECÓN

Como geógrafa, sei o quanto a Escola de Chicago nos influenciou a fazer paralelos entre a cidade e um organismo vivo e todo tempo estou advertindo meus alunos sobre o equívoco decorrente deste tipo de comparação. No entanto, desculpem-me os leitores, cometerei esta inadequação para afirmar, com todas as letras, que Havana tem uma espinha dorsal e ela se chama Malecón.

Paradoxalmente, essa extensa linha beira mar, que bordeia a cidade com sua larga calçada e seu parapeito sólido como um balcão a partir do qual se olha para o Atlântico é, ao mesmo tempo em que sua espinha dorsal, o coração de sua vida social, para os moradores dos três setores urbanos mais centrais: - Habana Vieja, - Centro de Habana e Prado; - Vedado e Plaza.

El Malecón foi concebido pelos estadunidenses em 1901, como um grande passeio marítimo, com três pistas para pedestres, com praças, coretos, jardins... Embora o projeto original tenha se alterado, por dificuldades de engenharia, em 1902, começou a sua implantação em um setor frontal ao Paseo de Martí, conhecido por El Prado, que é uma avenida importante construída, onde antes estava a muralha, com inspiração na homônima madrilenha. Esse paseo vai da beira mar à majestosa edificação chamada de Capitólio, construída em 1929 e que foi a sede do governo até 1959, quando ocorreu a Revolução Cubana. Abrigava até pouco tempo o Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, mas agora está em recuperação.

Esta imponente edificação pode ser vista nas fotos. Quando foi construída, sua cúpula, mais elevada, segundo os cubanos, que a do Capitólio em Washington, era o ponto mais alto da cidade.



Eduardo, nosso cicerone cubano, já havia nos destacado que Havana tem um Prado, uma 5^a. avenida, um Capitólio e um Cristo Redentor,

fazendo referência aos originais, na Espanha, nos Estados Unidos e no Brasil...

Mas, voltemos a El Malecón. Desde o início de sua implantação e durante grande parte do século XX, foi sendo ampliado ao longo do mar e foi sendo dado uso preferencial aos veículos, já que a faixa que era, inicialmente, projetada para jardins, passou a ser usada por pistas, deturpando sua finalidade primeira.





No entanto, nas últimas décadas, o uso público de El Malecón, por pedestres, foi recuperado na larga calçada que serpenteia o mar, servindo seu parapeito para as pessoas se sentarem e ali ficarem para fazer de tudo: pescar, ouvir música, namorar, beber rum, aproveitar o vento do mar, uma verdadeira maravilha numa cidade tão quente no verão.

Pedro Juan Gutierrez, em sua trilogia sobre Cuba, faz inúmeras referências a El Malecón e tudo que ele descreve em seus livros e que conformou meu imaginário sobre esse espaço é ainda pouco diante do que vejo: são centenas de metros de calçadas completamente tomadas pelos cubanos, ao final da tarde e durante a noite, simplesmente para se estar ali, para ser ver e ser visto, para se encontrar, para se viver a cidade. Este escritor pouco apreciado pelos cubanos, por causa de sua verve radical, com a qual descreve uma Havana nua e crua, informa seus leitores que, em El Malecón, também estão jovens,

homens e mulheres, que desejam fazer algum programa com os turistas atraídos pela “liberdade sexual”, que o imaginário ocidental repousa sobre este paraíso tropical.

Logo se vê que ele tem razão de fazer referência ao que a Revolução desejava ter exterminado – a prostituição – tão associada aos papéis que Cuba desempenhava para os estadunidenses no período de Batista e mesmo antes disso, quando o turismo se associava ao jogo, à ação da máfia americana e à prostituição. Ontem mesmo vi, ao longo do passeio, uma ou outra jovem com roupas exíguas e atraentes que preferiam estar perto do meio fio a estar no parapeito em frente ao mar, como a maioria das pessoas. Com certeza, aproveitavam a oportunidade de serem mais facilmente vistas em meio a tanta gente e arrumarem alguma companhia de turista que pudesse lhes pagar em C.U.C. (Cuban Urgent Currency) a moeda que circula para uso dos turistas, sobre a qual pode ser que eu escreva depois.

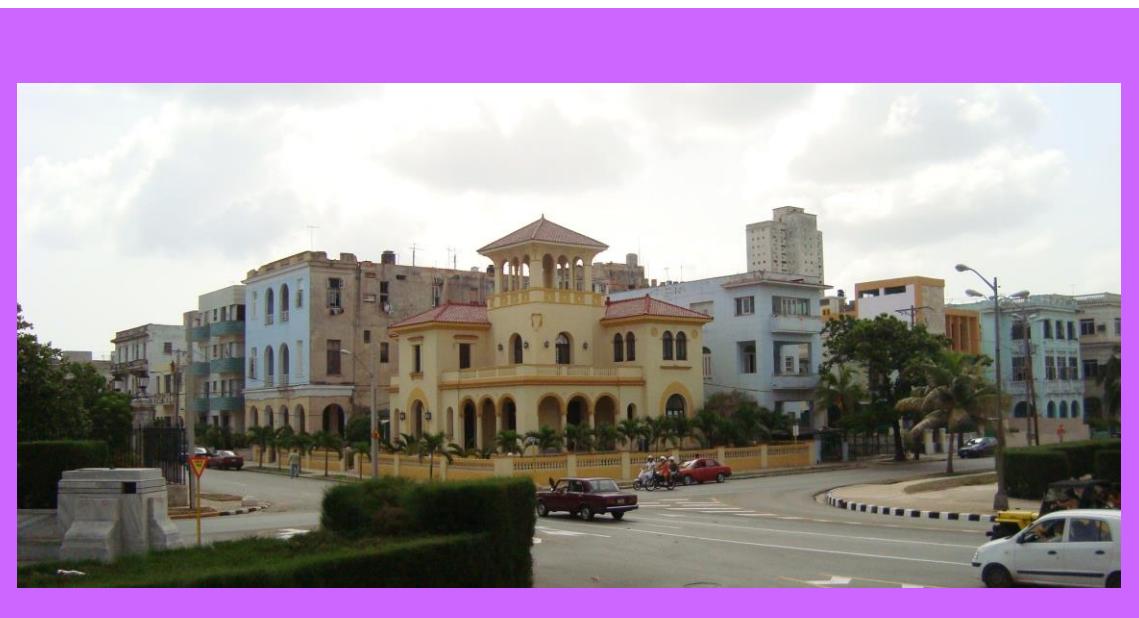
Estando em Cuba, volta em meu coração uma espécie de tristeza pela nossa herança lusitana, acompanhada de certa inveja do legado espanhol que nossos irmãos latinoamericanos receberam: em Cuba, como já constatei na Argentina, no Chile, no México, os espaços públicos são densos de usos, de conteúdos, de práticas e possibilitam que a sociabilidade se estabeleça intensamente além da vida privada. Ainda bem que, nós brasileiros, fomos um pouco compensados pela influência africana, o que explica que não restamos nostálgicos e contidos como os portugueses, mas estamos longe de saber aproveitar os espaços públicos como as nações que receberam a influência hispânica.

Nosso urbanismo, de influência lusitana, não foi concebido para tal, visto que as praças, com seus jardins e bancos, não têm as mesmas finalidades das hispânicas, que são como pátios abertos ao uso e ao encontro. No caso brasileiro, os arremedos de reformas inspiradas na

experiência francesa do século XIX produziram novos espaços urbanos muito mais para se ver do que para se viver...

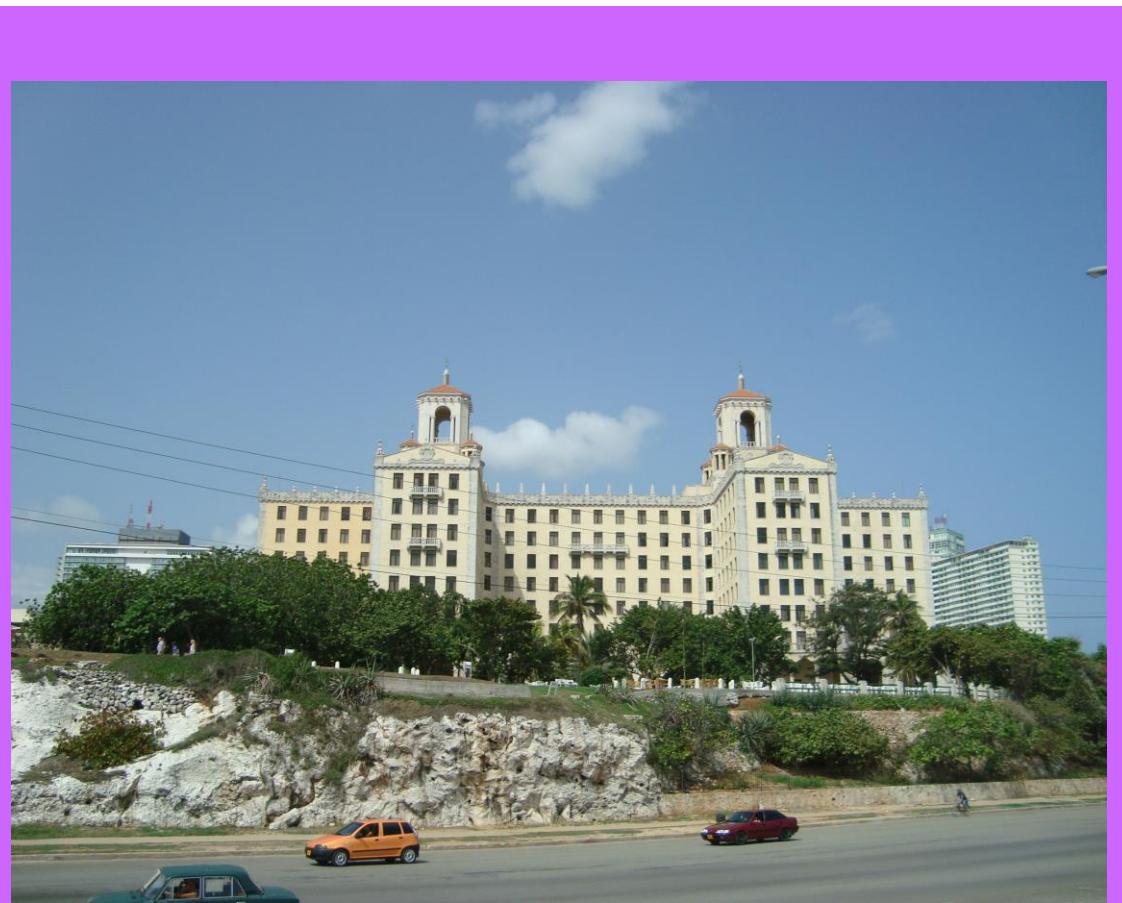
Ontem, sábado, por volta de meia noite, El Malecón estava cheíssimo de gente. O motorista de táxi nos informou que aquele é um espaço de todos, mas os de Miramar são de outra classe social e não vêm a El Malecón. Retrucamos, perguntando se com o socialismo não havia acabado essa história de classes sociais e ele logo explica que não, frisando que os de Miramar são diferentes.

Os bairros que se estendem a oeste do núcleo original de Havana, entre eles Miramar, foram antes da revolução os espaços de moradia da burguesia. As propriedades restaram com as famílias que não deixaram o país, por isso seus descendentes mantêm esse patrimônio, razão pela qual têm condições de moradia muito melhores, do que os descendentes de famílias que compunham as classes sociais mais baixas. Assim, as permanências, como destaquei, afloram na Cuba atual: se as diferenças socioeconômicas não são gritantes, o patrimônio, como um legado do período anterior, refaz as diferenças por meio de usufrutos que distinguem os cubanos entre si. A foto mostra uma esquina de Miramar.



Hoje, El Malecón estende-se por sete quilômetros, à beira mar, vindo desde Habana Vieja, passando por Habana Centro e Vedado, onde está o Hotel Nacional, construído na década de 1930, e alcançando as praias do oeste, nas quais estão os investimentos mais recentes em hotéis de luxo para turistas.

O Hotel Nacional de Cuba, seu nome completo, merece destaque. Ele está edificado sobre um penhasco e pode ser visto de El Malecón, por todos. A construção mantém o charme da primeira metade do século XX, com seus ladrilhos hidráulicos, suas salas bem mobiliadas, varandas e o bar voltado para o jardim que está sobre o penhasco de frente para o mar, de onde, por sua vez, avista-se El Malecón, como duas realidades bem distintas que podem se ver e nem sempre se cruzam: O Hotel Nacional de Cuba, onde estão os turistas e El Malecón, onde estão os cubanos.



Ao longo de El Malecón, há uma série de edificações antigas na porção que bordeia os setores históricos (Habana Vieja e Habana Centro), as quais estão sendo recuperadas pela Oficina del Historiador de La Ciudad, com apoio de investimentos estrangeiros, sobretudo espanhóis, já que boa parte dessas construções guardam elementos da arquitetura hispânica dos séculos XVI ao XIX. As fotos que se seguem mostram esse esforço de recuperação, mas também as edificações que ainda não foram objeto de intervenção. O que me pareceu mais interessante é saber que todo trabalho vem sendo feito, com grande cuidado para manter os antigos moradores nos prédios, de modo que eles usufruam das melhorias e possam continuar a viver na parte mais central de Havana, onde as possibilidades de pequenos trabalhos com o turismo e o comércio são maiores.





Depois do Hotel Nacional de Cuba, na direção oeste, estão edificações mais recentes, ao longo de El Malecón. Embora as fotos estejam bem bonitas, muitas dessas construções têm a pintura mal conservada, o que, aliás, é uma característica de Cuba, excetuando-se as edificações de intervenção subvencionada e conduzidas pela Oficina del Historiador de la Ciudad.

Essa mescla constante entre passado e presente, entre o novo e o velho, entre o envelhecido e o renovado, tão própria das cidades tem em Havana matizes muito especiais. É como se o movimento da sociedade fosse muito mais acelerado que a capacidade de revelar na paisagem as mudanças e permanecesse um hiato entre a ação e a sua expressão, entre intenção e gesto (para tomar a linda construção do Chico Buarque de Holanda) muito maior do que vemos nas cidades capitalistas.

Por isso, é como se quiséssemos de um lado, a permanência que já não temos mais por aqui e, de outro, a transformação porque, a nós,

incomoda um pouco, é preciso admitir, o velho que está envelhecido e não atualizado como cena para o turismo.



Junho de 2011
Carminha Beltrão